BOLETIM ECONÔMICO

NUPE - UNIFOR

Agosto/2025 #54

Universidade de Fortaleza

NUPE
NÚCLEO DE PESQUISAS ECONÔMICAS

BOLETIM ECONÔMICO

NUPE - UNIFOR

Agosto/2025 #54

Reitoria
Reitor Randal Martins Pompeu

Vice-reitoria de Graduação
Vice-reitora Maria Clara Cavalcante Bugarim

Diretora do Centro de Ciências da Comunicação e Gestão - CCG UNIFOR
Profa. Danielle Batista Coimbra

RESPONSÁVEIS TÉCNICOS

Prof. Felipe Albuquerque Sobral e Silva
Coordenador Curso de Economia UNIFOR

Prof. Allisson David de Oliveira Martins
Coordenador do Núcleo de Pesquisas Econômicas - NUPE

Prof. Nicolino Trompieri Neto
Curso de Economia UNIFOR / Professor

NUPE NÚCLEO DE PESQUISAS ECONÔMICAS

APRESENTAÇÃO

A Universidade de Fortaleza - Unifor, na sua missão de "contribuir para o desenvolvimento humano por meio da formação de profissionais de excelência e da produção do conhecimento", reconhecida entre as melhores instituições de ensino superior do mundo, avança mais uma etapa, na seara de estudos econômicos, ao estruturar documento econômico fundamentado em bases científicas sólidas e robustas.

O Núcleo de Pesquisas Econômicas – Nupe, vinculado ao curso de Ciências Econômicas da Universidade de Fortaleza, tem a satisfação de apresentar à sociedade cearense mais um número do Boletim Econômico, publicação que analisa o desempenho das economias, no mundo e brasileira, e em especial do Ceará. O Boletim Econômico Nupe é elaborado pelos alunos da disciplina Técnicas em Pesquisas Econômicas, com a orientação e supervisão dos professores do Núcleo de Pesquisas Econômicas – Nupe. Nosso boletim oferece à sociedade cearense, por meio de uma linguagem simples e acessível, informações que contribuem para um maior entendimento da situação presente e das perspectivas da economia para os próximos anos, e, dessa forma, colabora para a formação de uma sociedade reflexiva e de senso crítico, capaz de promover as transformações econômicas e sociais necessárias para a tão almejada arrancada do processo de desenvolvimento econômico do nosso País.

Essa 54ª edição do Boletim Econômico inicia com o artigo de opinião assinado por Johann Luporini, egresso da Universidade de Fortaleza, intitulado "**Comoditização do Frete Marítimo de Granéis e Estratégias de Hedging com Contratos de Frete Futuro e Opções de Frete**". Na sequência da presente edição, o leitor encontrará: um panorama sobre a economia internacional; o resultado das atividades econômicas do Brasil, Nordeste e Ceará, detalhado por setores de produção da economia; a performance do mercado de trabalho; e a balança de comércio exterior do Ceará, Nordeste e Brasil.

Boa Leitura!

OPINIÃO:

COMODITIZAÇÃO DO FRETE MARÍTIMO DE GRANÉIS E ESTRATÉGIAS DE HEDGING COM CONTRATOS DE FRETE FUTURO E OPÇÕES DE FRETE

Johann Luporini *

Este artigo analisa a evolução da indústria de frete marítimo de graneis secos e o desenvolvimento de estratégias de gerenciamento de risco com contratos derivativos de frete como frete futuro (FFA) e contratos de opção de frete.

A indústria de transporte marítimo, desempenha um papel fundamental na economia global e no comércio internacional. Ela é responsável por cerca de 90% do volume de mercadorias transportadas no mundo, sendo um elo vital nas cadeias globais de valor. A demanda por transporte é uma demanda derivada da necessidade de transporte marítimo da produção mundial de mercadorias, que aumenta e diminui de acordo com o crescimento do comercio, sazonalidades e estações, porém a oferta por transporte no curto prazo é estática criando assim um ambiente de alta volatilidade.

Essa indústria é originalmente dividida em quatro mercados: Mercado de construção de novas embarcações, que regula a renovação tecnológica da frota e aumento de oferta por transporte, mercado de sucateamento ou demolição de navios, instrumento de controle e redução de oferta por transporte, o mercado de compra e venda de navios usados que permite movimentação de capital financeiro entre empresas e o mercado de fretes, onde os navios são utilizados no dia a dia para transportar cargas sendo remunerados através do frete para custear seus gastos operacionais e com um pouco de sorte ter algum retorno sobre seu investimento.

O mercado de frete, é guiado por três tipos de contrato principais, fretamento em casco-nu, quando o proprietário fornece o ativo (navio) e o contratante é responsável por tripular o navio, sua manutenção etc., remunerando o proprietário por dia. Fretamento por tempo, onde o proprietário dispõe o navio tripulado ao contratante (afretador) por um período e rota pré-determinado pagando ao proprietário por dia, sendo o contratante ainda responsável pelos custos portuários, de combustível e passagens por canais. Terceiro contrato mais frequente, no fretamento por viagem o proprietário do navio é responsável pelos custos portuários, de combustível, tripulação etc. em troca de remuneração na forma de frete cobrado normalmente por tonelada ou metro cúbico de carga a ser transportada de um ponto A para um ponto B.

A principal diferença entre os contratos está no tipo de remuneração, por dia x por tonelada, e os riscos assumidos por cada parte. Nos contratos de casco nu e por tempo, o contratante assume eventuais riscos com mau tempo por exemplo além de adiantamento de capital para os custos de transporte enquanto no contrato por viagem esse risco permanece com o proprietário. Assim, criou-se a possibilidade de empresas sem navio porém com expertise e apetite para risco começarem a fazer arbitragens entre donos de carga e de navios, "comprando" frete em contratos por tempo e vendendo frete em contratos por viagem na expectativa de ter lucro no gerenciamento operacional. Assim surge a figura do Trader de frete marítimo, especulando no mercado de frete, seja físico ou de papel (FFA e Opções).

Sendo uma indústria onde a demanda é derivada pela necessidade de se transportar carga, é de se entender que as cargas ditem o funcionamento da indústria, "Cargo is king!" como dizem os mais antigos. Assim, o transporte marítimo é organizado com base no tipo de carga e tamanho de lotes a serem exportadas por determinado cliente, conhecido como "Parcel Size distribution" (PSD).

Divide-se assim os setores em navios de carga e outros (militares, passeio, sísmicos etc.) e posteriormente pelo tipo de carga, seja granel líquido, granel seco, containers, carga geral e sendo posteriormente subdividido em capacidade de carga.

Após entender o tipo de carga, o "PSD" irá definir segmento de navio mais adequado aquela

* Graduado em Ciências Econômicas pela Unifor.

rota. Minério de ferro, carvão e grãos, comodities de baixo valor agregado precisam de economia de escala para serem viáveis e são em sua maioria transportadas em grandes navios como capesizes, capazes de transportar 180.000 toneladas de carga ou mais que tem essa nomenclatura por necessitarem transitar pelo cabo da boa esperança e em navios panamaxes, hoje com capacidade para cerca de 82.000 toneladas de capacidade sendo o maior navio a poder transitar pelo canal do panamá.

Esses navios necessitam terminais com equipamentos para carga e descarga e profundidade de cerca de 14,50m para carregamento máximo de panamaxes e 19 metros de capesize sendo utilizados em rotas bastante especificas como da América do sul x china e américa do sul x Europa.

Portos menores sem capacidade de embarque e descarga normalmente são atendidas por navios dos segmentos menores, com equipamentos de bordo para movimentação de carga, supramax e Handy size, com aproximadamente 60.000 toneladas e 38.000 toneladas de capacidade respectivamente e calado de 12,50-10 metros quando com carregamento total.

Esses navios também são empenhados em rotas especificas indexadas pelo Baltic Exchange de Londres, iniciado em 1985 e atualizado depois em algumas ocasiões como 1999 e ultimamente em 2024. Os índices são baseados em um navio padrão com idade, capacidade, consumo e velocidade definidos e os navios podem ser negociados com desconto ou taxa extra ao índice dependendo se mais econômico ou não comparado ao navio padrão na rota indexada.

Assim, a partir do momento da criação dos índices "Baltic Exchange" na década de 1980, vemos uma transformação do transporte marítimo, principalmente na parte de graneis secos, antes visto apenas como um serviço para algo próximo a uma comodity, "comercializável no mercado internacional, sem diferenças qualitativas significativas sendo seu preço determinado pelo equilíbrio global de oferta e demanda" porém que não pode ser recuperada se não utilizada mas que pode ser negociada no atacado ou no varejo transformando o frete marítimo em uma commodity sui generis: um serviço essencialmente intangível, mas operando sob as dinâmicas do mercado de bens fungíveis e perecíveis

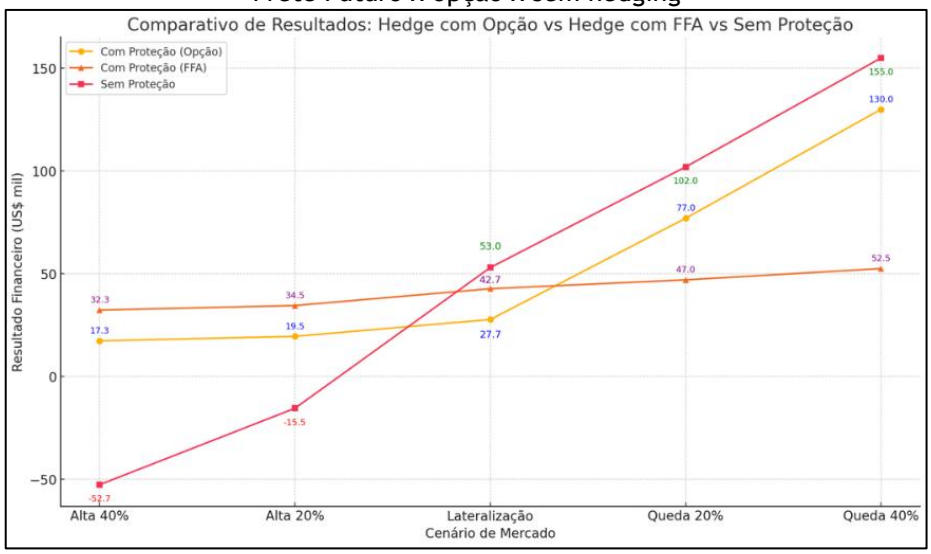
A commoditização do frete aliado a evolução tecnológica do sistema financeiro e a necessidade de proteção a esse ambiente extremamente volátil tanto para os compradores quanto para os vendedores de frete, criou espaço para surgimento de quinto mercado na indústria de navegação, o mercado de derivativos de fretes e os instrumentos de contratos de frete futuro (FFA) e opções de frete.

Os contratos de frete futuro, como o nome já explica, são contratos de frete de um tipo específico de navio (cape, Panamax supra e Handy) numa rota específica (exemplo: P1A – Panamax ECSA x Gibraltar-skaw) a ser executado em uma data previamente acordada. Seu valor deriva de um outro ativo principal, no caso o índice para aquela rota\segmento na data de encerramento. Eles podem ser contratos de balcão (feito entre duas partes) ou FFA via corretoras. Os contratos via corretoras reduzem o risco de crédito da contraparte, em troca cobram comissão sobre o valor do contrato, normalmente 0,25%.

Os contratos de opção de frete funcionam como um "seguro". Em troca de um prêmio pré-estabelecido, uma parte aceita vender a opção (não o dever) de compra ou venda de frete numa data futura a um preço previamente combinado.

Ambos os instrumentos são usados pelas empresas exportadoras\importadoras e proprietários de navios como forma de reduzir sua exposição ao risco. Os contratos tanto de opção como FFA não comtemplam entrega física do serviço, mas sim uma compensação financeira dependendo da variação do valor do índice na data inicial do contrato com o valor do índice na data de execução. Os contratos de frete futuro limitam tanto a perda como os possíveis ganhos com variações no mercado enquanto os contratos de opção limitam as perdas, mas potencializa os ganhos em caso do mercado se mover favoravelmente. Por outro lado, os custos das opções são mais elevados que os de contratos de frete futuro conforme demostrado no Gráfico 1 abaixo.

Gráfico 1 – Comparativo de Resultados gerenciamento de risco com Frete Futuro x opção x sem hedging



Fonte: Elaboração própria.

A escolha então, entre FFAs e opções depende de expectativas de mercado, tolerância ao risco, estrutura de custos, disponibilidade de fluxo de caixa, capacidade financeira de suportar prêmios e dos objetivos estratégico além da exposição individual de cada empresa de acordo com sua frota e contratos de transporte.

PANORAMA INTERNACIONAL

O panorama econômico global segue moderado, marcado por um crescimento contido e por amplas disparidades regionais. Em junho de 2025, o Banco Mundial revisou para baixo suas projeções de crescimento global, estimando uma taxa de 2,3% para 2025 (ante 2,7% em janeiro), com uma leve recuperação projetada para 2,4% em 2026 e 2,6% em 2027. Trata-se do ritmo mais fraco desde 2008, excetuando-se os anos de recessão, motivados pela pandemia de Covid-19.

Essa desaceleração é atribuída, sobretudo, à intensificação das tensões comerciais, à imposição de sobretaxas e à elevada incerteza global, fatores que vêm prejudicando os investimentos, o comércio internacional e a confiança dos agentes econômicos. Segundo o Global Economic Prospects (julho de 2025), do Banco Mundial, uma redução pela metade das tarifas globais e o arrefecimento das disputas comerciais poderiam elevar o crescimento mundial em até 0,2 ponto percentual ao ano entre 2025 e 2026.

Nas economias avançadas, o crescimento continua modesto. Nos Estados Unidos, após uma expansão de 2,8% em 2024, espera-se desaceleração para 1,4% em 2025 e 1,6% em 2026, refletindo os efeitos da política monetária ainda restritiva e dos choques tarifários, que impactam negativamente o consumo e o investimento. Na Zona do Euro, o crescimento projetado é de apenas 0,7% em 2025 e 0,8% em 2026, resultado da demanda interna fraca, da persistente crise energética e da elevada incerteza externa.

No Japão, o desempenho também é limitado: projeta-se crescimento de 0,7% tanto para 2025 e 0,8% para 2026. O envelhecimento populacional e o fraco dinamismo do mercado doméstico seguem como entraves, apesar dos avanços em inovação e tecnologia.

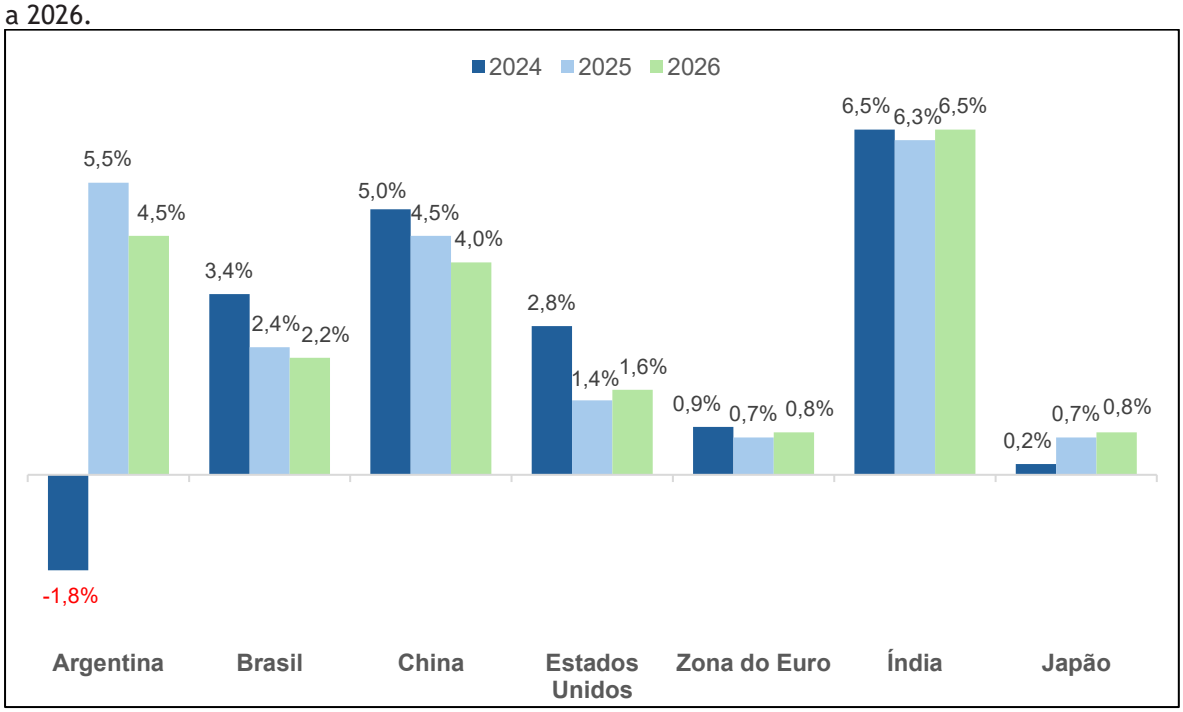
Entre os mercados emergentes, a China mantém crescimento sólido, embora em trajetória de desaceleração, com projeções de 4,5% em 2025 e 4,0% em 2026. A política fiscal e monetária continua sendo utilizada para mitigar os impactos externos, mas os entraves estruturais – especialmente no setor imobiliário – permanecem. A crise prolongada na construção civil tem reduzido a demanda por aço, pressionando o setor siderúrgico, tradicional indicador da atividade econômica chinesa. Essa retração evidencia a dificuldade de recuperação da indústria pesada e reforça a necessidade de reorientar o crescimento para setores de maior valor agregado, como tecnologia, inteligência artificial e energias renováveis.

A Índia se destaca como a economia mais dinâmica do mundo, com projeções de crescimento de 6,5% em 2024, 6,3% para 2025 e 6,5% para o ano de 2026, impulsionada por investimentos em tecnologia, urbanização acelerada e fortalecimento do consumo interno.

Na América Latina, o desempenho permanece heterogêneo. A expectativa é de crescimento regional em torno de 2,3% em 2025 e 2,5% nos anos seguintes, com destaque para Brasil e Argentina. O Brasil deve registrar expansão de 2,4% em 2025 e 2,2% em 2026, ligeiramente abaixo das previsões anteriores, em um cenário condicionado à consolidação fiscal, à estabilidade política e à demanda externa. A Argentina, por sua vez, depende da estabilização macroeconômica e cambial para retomar uma trajetória de crescimento sustentável.

Em suma, os dados mais recentes indicam uma desaceleração global mais acentuada do que a prevista no início do ano, com crescimento projetado de 2,3% em 2025 e recuperação apenas modesta nos anos seguintes. Enquanto as economias avançadas continuam enfrentando limitações estruturais, os países emergentes lideram a expansão global – embora em patamares inferiores aos observados em décadas anteriores. Tensões comerciais, incertezas políticas, pressões fiscais e riscos inflacionários continuam a restringir o dinamismo da economia mundial. Reduções tarifárias e maior cooperação multilateral poderiam gerar ganhos marginais, mas o cenário permanece incerto.

Gráfico 2 – Crescimento real anual (%) do Produto Interno Bruto (PIB) – Países selecionados – 2024 a 2026.



Fonte: World Bank, Global Economic Prospects database - Atualizado em jun/2025.

A ATIVIDADE ECONÔMICA E ANÁLISE SETORIAL

O Índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC-Br), considerado uma espécie de "prévia" do Produto Interno Bruto (PIB), é um dos principais indicadores para acompanhar, de forma mensal, a dinâmica da economia brasileira. Reunindo informações de setores como comércio, serviços, indústria e arrecadação tributária, o IBC-Br orienta tanto as decisões do Comitê de Política Monetária (Copom) quanto as estratégias de investimento no setor privado.

Entre junho de 2024 e junho de 2025, a economia brasileira acumulou crescimento de 3,94%, mantendo um ritmo sólido, ainda que ligeiramente inferior ao observado nos trimestres anteriores. Esse desempenho reflete a continuidade de avanço da atividade econômica, mesmo diante de uma política monetária restritiva, com a taxa Selic ainda em um dos níveis mais elevados das últimas décadas.

A agropecuária permaneceu como um dos principais vetores de crescimento, acompanhada pela expansão do setor de serviços — especialmente nas áreas de tecnologia, comunicação e serviços profissionais. O mercado de trabalho também seguiu em trajetória positiva, com aumento da renda e

do consumo das famílias, o que sustentou a atividade em diversos segmentos da economia.

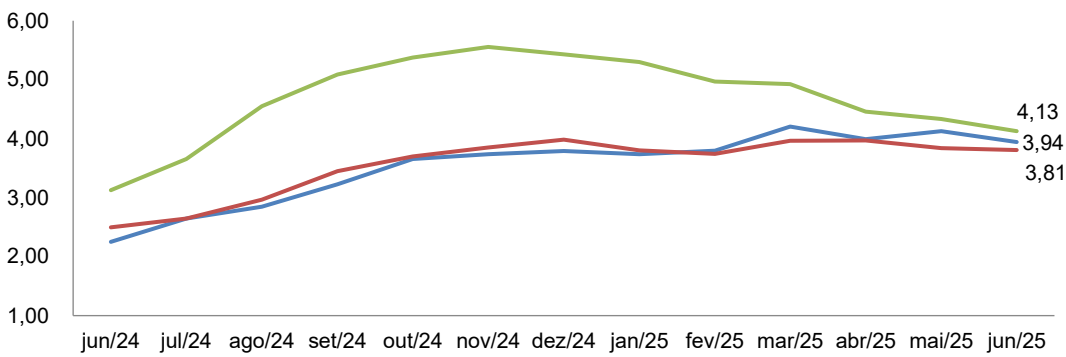
Contudo, a partir do segundo trimestre de 2025, começaram a se observar sinais de moderação, em decorrência dos efeitos cumulativos das condições monetárias restritivas, da desaceleração do comércio internacional e das incertezas no cenário externo, notadamente na Europa e nos Estados Unidos. Apesar desses desafios, o risco de recessão no curto prazo segue sendo considerado baixo.

No recorte regional, o Nordeste apresentou crescimento acumulado de 3,81% nos 12 meses encerrados em junho de 2025. A região manteve uma trajetória de crescimento estável. A elevação contínua da renda média da população nordestina, observada desde 2022, tem sido um fator decisivo para o fortalecimento do consumo interno e, consequentemente, para o dinamismo da economia regional.

Entre os estados nordestinos, o Ceará se destacou com desempenho no período analisado, registrando crescimento acumulado de 4,13% entre junho de 2024 e junho de 2025. Apesar de uma leve desaceleração nos últimos meses, o estado manteve taxas de crescimento superiores às médias nacional e regional durante quase todo o período.

Embora os dados de 2025 sinalizem uma desaceleração no ritmo de crescimento, as perspectivas permanecem positivas. O Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE) projeta uma expansão de 2,78% para o PIB estadual em 2025, sustentada por um ambiente favorável à atividade produtiva, ao investimento — público e privado — e à geração de empregos.

Gráfico 3 - Crescimento acumulado dos últimos 12 meses (%) do Índice de Atividade Econômica do Banco - Brasil, Nordeste e Ceará - Jun/24 a Jun/25.



	jun/24	jul/24	ago/24	set/24	out/24	nov/24	dez/24	jan/25	fev/25	mar/25	abr/25	mai/25	jun/25
Série1	2,25	2,65	2,85	3,23	3,66	3,74	3,79	3,74	3,80	4,21	3,99	4,13	3,94
Série2	2,50	2,65	2,97	3,45	3,70	3,85	3,98	3,80	3,74	3,96	3,97	3,84	3,81
Série3	3,13	3,65	4,55	5,09	5,37	5,56	5,43	5,30	4,97	4,93	4,46	4,33	4,13

Fonte: Banco Central do Brasil (BCB). Elaboração: NUPE/UNIFOR.

O Setor Agrícola

O agronegócio brasileiro segue desempenhando papel estratégico na economia nacional, sustentando o abastecimento interno e fortalecendo a competitividade no mercado externo. Apesar das oscilações climáticas e das incertezas do mercado global, o setor continua como um dos principais motores do PIB, impulsionado por avanços tecnológicos, expansão da agroindústria e crescente demanda mundial por alimentos.

A safra brasileira de grãos 2024/2025 registrou desempenho bastante positivo. Segundo dados da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), a produção nacional atingiu 345,2 milhões de toneladas, representando um crescimento de 16% em relação à safra anterior (297,5 milhões de toneladas). Esse avanço é resultado da combinação entre a expansão da área plantada (+2,5%) — que chegou a 81,9 milhões de hectares — e o expressivo aumento da produtividade média, que cresceu 13,2%, alcançando 4.214 kg/ha.

Esse desempenho reflete ganhos de eficiência no campo, associados ao uso crescente de sementes melhoradas, mecanização, tecnologias digitais e condições climáticas mais favoráveis. Entre as culturas com maior destaque estão a soja, o milho e o trigo.

O Centro-Oeste manteve sua posição como principal polo produtor do país, impulsionando o crescimento nacional ao lado de estados das regiões Sudeste e Norte. Mato Grosso do Sul e São Paulo registraram elevações superiores a 30% na produção, puxadas principalmente por ganhos expressivos de produtividade. No Norte, Rondônia e Tocantins também apresentaram desempenho robusto.

No Sudeste, a produtividade cresceu de forma significativa, refletindo maior uso de tecnologias agrícolas e condições climáticas favoráveis. Já o Sul teve desempenho mais modesto, com destaque negativo para o Rio Grande do Sul, cuja produção recuou 9,6%, em função da queda na produtividade causada por eventos climáticos adversos.

O Nordeste registrou produção total estimada em 31 milhões de toneladas, um crescimento de 10,9% em relação à safra anterior. O aumento decorre da expansão de 3,4% na área plantada e da elevação de 7,3% na produtividade, que atingiu 3.106 kg/ha. Estados como Bahia e Maranhão lideraram a produção regional, impulsionados pela adoção de tecnologias adaptadas ao semiárido — como irrigação eficiente, cultivares resistentes à seca e assistência técnica especializada —, que vêm fortalecendo a resiliência agrícola da região.

Em contraste com o cenário nacional e regional, o Ceará apresentou retração simultânea nos três principais indicadores da produção agrícola. Houve redução de 2,4% na área cultivada, queda de 2,9% na produtividade (de 606 kg/ha para 589 kg/ha) e recuo de 5,2% na produção total, que passou de 588 mil para 557,4 mil toneladas.

Esse desempenho preocupante pode estar relacionado a fatores como adversidades climáticas e deficiência em infraestrutura de irrigação, apesar de avanços anteriores em iniciativas como a agricultura familiar e programas de convivência com o semiárido.

De forma geral, o setor agrícola brasileiro mantém trajetória positiva, consolidando-se como eixo central da economia nacional. A produção crescente, sustentada por ganhos de produtividade e pela incorporação de inovações tecnológicas, reforça o papel do Brasil como potência agrícola global.

Tabela 1 – Comparativo de área, produtividade e produção de grãos – produtos selecionados (*) – safras 2023/24 e 2024/25 (**) – Brasil, Nordeste e Ceará.

REGIÃO/ UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 23/24	Safra 24/25	VAR. %	Safra 23/24	Safra 24/25	VAR. %	Safra 23/24	Safra 24/25	VAR. %
Ceará	969,5	946,2	-2,4	606,0	589,0	-2,9	588,0	557,4	-5,2
Nordeste	9.653,4	9.978,7	3,4	2.895,0	3.106,0	7,3	27.951,1	30.992,1	10,9
Brasil	79.944,2	81.922,0	2,5	3.722,0	4.214,0	13,2	297.512,5	345.237,9	16,0

Fonte: Conab. Elaboração: NUPE/UNIFOR.
Nota: (*) Produtos selecionados: Caroço de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), gergelim, girassol, mamona, milho (1ª, 2ª e 3ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale;
(**) São estimativas geradas pelo Conab em agosto de 2025.

O Setor da Indústria

O setor industrial brasileiro manteve desempenho moderado no primeiro semestre de 2025, refletindo tanto avanços pontuais em segmentos dinâmicos quanto fragilidades estruturais em setores mais vulneráveis. Segundo dados do IBGE, a indústria nacional cresceu 1,3% no acumulado até junho, na comparação com o mesmo período de 2024.

Alguns segmentos apresentaram crescimento expressivo, com destaque para a fabricação de produtos têxteis (+11,5%), máquinas e equipamentos (+8,4%), veículos automotores, reboques e carrocerias (+5,6%) e serviços de manutenção, reparação e instalação de máquinas e equipamentos (+9,8%). A desvalorização do real frente a outras moedas favoreceu a competitividade internacional desses produtos, especialmente diante do aumento de barreiras tarifárias impostas por parceiros comerciais como os Estados Unidos.

Por outro lado, setores como impressão e reprodução de gravações (-8,8%) e a fabricação de coque, produtos derivados do petróleo e biocombustíveis (-4,3%) registraram retrações relevantes. Neste último caso, o recuo se deve, principalmente, à volatilidade dos preços internacionais do barril de petróleo.

No Nordeste, a atividade industrial acumulou retração de 2,1% no primeiro semestre de 2025. Apesar do resultado agregado negativo, alguns segmentos apresentaram desempenho positivo, como a fabricação de veículos automotores, reboques e carrocerias (+10,9%), e também se destacaram a indústria extrativa (+6,0%), a fabricação de produtos de borracha e material plástico (+3,6%) e de minerais não metálicos (+2,8%).

Entretanto, essas altas não foram suficientes para compensar as quedas expressivas em atividades relevantes para a região, como a fabricação de produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos (-13,9%), e de aparelhos e materiais elétricos (-7,6%).

Tabela 2 - Variação (%) do volume de produção da indústria geral e das atividades industriais- Brasil, Nordeste e Ceará – Acumulado no ano até junho de 2025 (1).

Atividades de Indústria	Brasil	Nordeste	Ceará
Indústrias de transformação	**0,9**	**-2,4**	**-0,5**
Produtos alimentícios	-0,9	-2,9	2,1
Bebidas	-1,5	-1,7	-1,7
Produtos do fumo	3,1	-	-
Produtos têxteis	11,5	1,2	-1,2
Confecção de artigos do vestuário e acessórios	1,7	-6,4	-10,9
Preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos para viagem e calçados	-0,7	-3,4	3,4
Produtos de madeira	-1,6	-	-
Celulose, papel e produtos de papel	-1,8	-3,3	-
Impressão e reprodução de gravações	-8,8	-	-
Coque, de produtos derivados do petróleo e de biocombustíveis	-4,3	-5,6	-16,8
Outros produtos químicos	3,9	-4,3	58,2
Produtos farmoquímicos e farmacêuticos	0,2	-	-
Produtos de borracha e de material plástico	1,9	3,6	-
Produtos de minerais não-metálicos	1,2	2,8	2,7
Metalurgia	4,7	-0,6	27,8
Produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos	1,9	-13,9	-1,9
Equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos	-1,7	-	-
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	1,8	-7,6	-38,9
Máquinas e equipamentos	8,4	-	-
Veículos automotores, reboques e carrocerias	5,6	10,9	-
Outros equipamentos de transporte, exceto veículos automotores	2,9	-	-
Móveis	2,5	-	-
Produtos diversos	2,2	-	-
Manutenção, reparação e instalação de máquinas e equipamentos	9,8	-	-
Indústrias extrativas	**3,2**	**6,0**	**-**
Indústria geral	**1,3**	**-2,1**	**-0,5**

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria. Elaboração: NUPE/UNIFOR.
Nota (1): Variação acumulada de janeiro/2025 a junho/2025 (Base: igual período do ano anterior).

No Ceará, o desempenho foi relativamente mais estável em comparação ao restante da região, com retração de 0,5% na produção industrial entre janeiro e junho de 2025. O estado apresentou avanços

expressivos em setores estratégicos: a fabricação de produtos químicos cresceu 58,2%, impulsionada pela instalação de novas plantas de fertilizantes, enquanto a metalurgia avançou 27,8%, em resposta à maior demanda por estruturas metálicas utilizadas em obras de infraestrutura.

Em contrapartida, segmentos tradicionais enfrentaram perdas significativas. Destacam-se as quedas na fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos (-38,9%), na produção de coque, derivados do petróleo e biocombustíveis (-16,8%) e na confecção de artigos do vestuário e acessórios (-10,9%). Esses resultados revelam a sensibilidade de setores dependentes de insumos importados, tecnologias intensivas e cadeias produtivas mais expostas à concorrência internacional.

O desempenho da indústria no primeiro semestre de 2025 reforça a percepção de uma recuperação setorial assimétrica. Enquanto alguns segmentos, especialmente os ligados à exportação e à infraestrutura, apresentam crescimento, outros enfrentam desafios relacionados à estrutura produtiva, custos, e inserção competitiva nos mercados nacional e internacional.

O Setor de Serviços

O setor de serviços no Brasil, de acordo com a Pesquisa Mensal de Serviços (PMS) do IBGE, acumulou crescimento de 2,5% até junho de 2025, em comparação com o mesmo período do ano anterior. Esse resultado reflete o bom desempenho de segmentos dinâmicos, com destaque para os Serviços de Informação e Comunicação, que avançaram 6,2% no período.

Dentro do segmento de informação e comunicação, as atividades de Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) lideraram o crescimento, com alta de 6,7%. Também se destacaram os serviços audiovisuais, de edição e agências de notícias, que cresceram 2,0%, impulsionados pela demanda crescente por conteúdo digital e soluções de mídia.

O setor de Transportes, Serviços Auxiliares aos Transportes e Correio também contribuiu positivamente, com expansão de 1,7%. Esse crescimento foi puxado principalmente pelo transporte aquaviário (+3,6%) e pelo expressivo aumento do transporte aéreo, que avançou 21,2%, refletindo a recuperação da mobilidade e do turismo. Em contraste, o transporte terrestre registrou retração de 1,8%, impactado pela queda tanto no transporte de cargas (-2,0%) quanto no de passageiros (-2,4%).

No Nordeste, o desempenho do setor de serviços apresentou comportamento heterogêneo entre os estados. Ceará e Bahia se destacaram positivamente, impulsionados pela expansão dos serviços tecnológicos e por atividades voltadas ao apoio familiar, especialmente no contexto da urbanização e da digitalização dos serviços. Já Pernambuco enfrentou maior dificuldade, com retração em segmentos ligados à demanda interna e enfraquecimento dos serviços empresariais, refletindo um ambiente de menor dinamismo econômico local.

O setor de serviços segue como um dos principais vetores de crescimento da economia brasileira em 2025, impulsionado por segmentos ligados à tecnologia, comunicação e transporte aéreo.

Tabela 3 – Variação (%) do volume de serviços, atividades e subatividades – Brasil e Estados selecionados – Acumulado no ano até junho de 2025(1).

Atividades e Subatividades *	Brasil	Ceará	Pernambuco	Bahia
Serviços prestados às famílias	**1,9**	**5,6**	**-2,9**	**1,3**
Serviços de alojamento e alimentação	2,5	-	-	-
Alojamento	3,7	-	-	-
Alimentação	2,1	-	-	-
Outros serviços prestados às famílias	-1,8	-	-	-
Serviços de informação e comunicação	**6,2**	**3,1**	**0,0**	**0,3**
Serviços de Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC)	6,7	-	-	-
Telecomunicações	1,2	-	-	-
Serviços de Tecnologia da Informação	12,7	-	-	-
Serviços audiovisuais, de edição e agências de notícias	2	-	-	-
Serviços profissionais administrativos e complementares	**2,3**	**-2,3**	**-4,2**	**3,6**
Serviços técnico-profissionais	2,1	-	-	-
Serviços administrativos e complementares	2,4	-	-	-
Aluguéis não imobiliários	0,7	-	-	-
Serviços de apoio às atividades empresariais	3	-	-	-
Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio	**1,7**	**8,0**	**3,5**	**-2,8**
Transporte terrestre	-1,8	-	-	-
Rodoviário de cargas	-2	-	-	-
Rodoviário de passageiros	-2,4	-	-	-
Outros segmentos do transporte terrestre	0,1	-	-	-
Transporte aquaviário	3,6	-	-	-
Transporte aéreo	21,2	-	-	-
Armazenagem, serviços auxiliares aos transportes e correio	2,9	-	-	-
Outros serviços	**-2,2**	**18,9**	**-1,3**	**11,4**
Esgoto, gestão de resíduos, recuperação de materiais e descontaminação	1,6	-	-	-
Atividades auxiliares dos serviços financeiros	-3,1	-	-	-
Atividades imobiliárias	0,5	-	-	-
Outros serviços não especificados anteriormente	-4,8	-	-	-
Total	**2,5**	**4,2**	**-0,1**	**0,2**

Fonte: IBGE. Elaboração: NUPE/UNIFOR.
Nota (1): Variação acumulada de janeiro/2025 a junho /2025 (Base: igual período do ano anterior).
Nota (2): O IBGE não divulga as variações do volume de serviços para as subatividades estaduais.

A Atividade do Comércio

No primeiro semestre de 2025, o comércio varejista brasileiro manteve trajetória de crescimento, embora com sinais de desaceleração em alguns segmentos. Segundo a Pesquisa Mensal de Comércio (PMC), do IBGE, o volume de vendas do varejo restrito cresceu 1,8% no primeiro semestre, enquanto o varejo ampliado teve expansão mais modesta, de 0,5%. A combinação entre queda no desemprego e aumento da renda disponível sustenta o consumo das famílias, mas o crédito restritivo limita o avanço em setores mais sensíveis a financiamento.

O varejo restrito foi impulsionado principalmente pelos segmentos de vestuário, eletrodomésticos, artigos farmacêuticos e supermercados. O Ceará se destacou com crescimento de 7,7% em vestuário e 9,5% em produtos farmacêuticos e de perfumaria, superando a média nacional. A Bahia também apresentou resultados positivos em supermercados e cosméticos, enquanto Pernambuco teve desempenho mais contido, com leve retração em alguns segmentos. Já setores como móveis, eletrodomésticos e informática apresentaram desaceleração ou retração, refletindo mudanças no comportamento de consumo e no perfil da demanda.

No varejo ampliado, a desaceleração foi mais acentuada. O setor automotivo, que crescia em ritmo mais forte, avançou apenas 0,9% no país. Ainda assim, Bahia e Ceará apresentaram bom desempenho, com altas de 7,6% e 4,7%, respectivamente, contrastando com a queda registrada em Pernambuco. O segmento de materiais de construção também perdeu fôlego, embora o Ceará tenha registrado avanço expressivo de 10,9%, acima da média nacional de 2,7%.

Regionalmente, o Nordeste segue com desempenho superior à média nacional em alguns estados. O Ceará lidera tanto no varejo restrito quanto no ampliado, com crescimentos de 3,1% e 4,9%, respectivamente. Pernambuco também avançou em ambos os recortes, enquanto a Bahia apresentou sinais de recuperação no varejo restrito, mas registrou retração no ampliado. Destaca-se ainda o resultado do Ceará no segmento de combustíveis e lubrificantes, com alta de 5,2%, único crescimento entre os três estados analisados e acima da média nacional de 0,2%.

Tabela 4 - Variação (%) do volume de vendas do comércio e atividades - Brasil e Estados selecionados – Acumulado no ano até junho de 2025(1).

Comércio e atividades	Brasil	Ceará	Pernambuco	Bahia
Comércio varejista	**1,8**	**3,1**	**2,3**	**0,6**
Combustíveis e lubrificantes	0,2	5,2	-3,0	-1,4
Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	1,3	0,4	2,6	0,6
Hipermercados e supermercados	1,8	1,1	2,2	1,4
Tecidos, vestuário e calçados	5,5	7,7	1,6	1,0
Móveis e eletrodomésticos	4,0	-1,5	12,0	2,0
Móveis	-3,4	-0,4	8,7	-2,2
Eletrodomésticos	6,2	-0,6	13,1	6,4
Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	3,4	9,5	-0,4	6,9
Livros, jornais, revistas e papelaria	-2,7	0,1	-0,8	-20,3
Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	-0,7	-6,5	-10,8	-24,0
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	2,1	8,6	5,6	-1,1
Comércio varejista ampliado	**0,5**	**4,9**	**1,8**	**-2,4**
Veículos, motocicletas, partes e peças	0,9	4,7	-2,5	7,6
Material de construção	2,7	10,9	2,4	-3,1
Atacado especializado em produtos alimentícios, bebidas e fumo	-6,5	8,9	6,7	-23,1

Fonte: IBGE. Elaboração: NUPE/UNIFOR.
Nota: (1) Variação acumulada de janeiro/2025 a junho/2025 (Base: igual período do ano anterior).

De forma geral, o comércio brasileiro segue crescendo de forma heterogênea, com diferenças significativas entre segmentos e regiões. O consumo das famílias continua sendo motor da expansão, mas enfrenta limitações decorrentes das condições de crédito e das disparidades estruturais nos

mercados regionais. O Ceará mantém sua posição de destaque no Nordeste, enquanto Pernambuco e Bahia registram avanços mais graduais, refletindo dinâmicas locais distintas no setor varejista.

O MERCADO DE TRABALHO NO BRASIL, NORDESTE E CEARÁ

O mercado de trabalho formal no Brasil apresentou trajetória de crescimento, com saldos positivos nos últimos meses. A principal exceção foi dezembro de 2024, quando, em razão da sazonalidade típica de fim de ano, houve retração de 553,5 mil vagas, o que impactou temporariamente o ritmo de geração de empregos. O pico de contratações ocorreu em fevereiro de 2025, com a abertura de 438,2 mil postos formais, impulsionado pela retomada de atividades no início do ano. No acumulado de janeiro a julho de 2025, o país gerou 1,347 milhão de empregos, resultado que evidencia a resiliência do mercado de trabalho, mesmo diante de um cenário econômico desafiador. Na análise dos últimos 12 meses, o saldo total foi de 1,523 milhão de vagas formais, representando uma variação positiva de 3,2%.

Tabela 5 - Evolução mensal de admissões, desligamentos e saldo - Brasil, Nordeste e Ceará (mil pessoas) - julho/2024 a julho/2025 (1).

Período	Brasil				Nordeste				Ceará			
	Adm.	Deslig.	Sald.	Var.%(2)	Adm.	Deslig.	Sald.	Var.%	Adm.	Deslig.	Sald.	Var.%
jul-24	2.207,3	2.015,9	191,4	0,40	304,9	264,3	40,6	0,51	55,3	52,0	3,4	0,25
ago-24	2.254,9	2.015,8	239,1	0,49	336,9	261,5	75,4	0,93	59,0	48,6	10,3	0,67
set-24	2.184,1	1.931,8	252,3	0,52	323,6	244,4	79,2	0,98	55,4	45,8	9,7	0,68
out-24	2.237,1	2.105,3	131,8	0,28	298,3	279,2	19,1	0,23	53,9	51,0	3,0	0,23
nov-24	1.996,1	1.889,6	106,5	0,22	275,6	250,2	25,4	0,32	49,9	45,3	4,5	0,32
dez-24	1.534,5	2.088,1	-553,5	-1,12	213,3	273,1	-59,9	-0,68	36,8	43,9	-7,1	-0,4
jan-25	2.306,5	2.159,8	146,7	0,29	309,6	307,1	2,6	-0,03	54,5	54,9	-0,4	-0,09
fev-25	2.610,6	2.172,4	438,2	0,91	343,1	301,3	41,8	0,47	60,9	54,3	6,6	0,46
mar-25	2.257,0	2.177,5	79,5	0,15	287,5	298,1	-10,6	-0,17	48,4	51,0	-2,6	-0,19
abr-25	2.320,1	2.082,4	237,7	0,54	322,9	277,7	45,2	0,57	57,0	48,0	8,9	0,65
mai-25	2.277,6	2.124,1	153,5	0,31	328,3	279,9	48,4	0,57	56,8	51,0	5,8	0,41
jun-25	2.162,3	1.999,9	162,4	0,35	300,3	264,5	35,8	0,45	56,6	49,4	7,2	0,51
jul-25	2.251,4	2.121,7	129,8	0,27	322,0	283,0	39,0	0,48	60,4	53,0	7,4	0,52
Acum. do Ano	**16.185,6**	**14.837,8**	**1.347,8**	**2,8**	**2.213,8**	**2.011,5**	**202,3**	**2,3**	**394,5**	**361,6**	**32,9**	**2,3**
Acum. dos últimos 12 meses	**26.392,2**	**24.868,3**	**1.523,9**	**3,2**	**3.661,3**	**3.319,9**	**341,4**	**4,2**	**649,4**	**596,1**	**53,3**	**3,8**

Fonte: Novo Caged – SEPRT/ME (2024). Elaboração: NUPE/UNIFOR. Notas: (1) Dados do Novo Caged com ajuste para 2024 e 2025. (2) A variação mensal do emprego toma como referência o estoque do mês anterior, sem ajustes.

Em julho de 2025, o Brasil registrou a criação de 129,8 mil novas vagas formais. Embora o resultado tenha sido positivo, ficou abaixo do registrado em junho (162,4 mil) e também inferior ao observado em julho de 2024 (191,4 mil). O setor de serviços continuou sendo o principal motor da geração de empregos, com destaque para áreas como educação, saúde, tecnologia e logística.

A região Nordeste acompanhou a tendência nacional de crescimento, com participação expressiva nos resultados positivos do período. O melhor desempenho regional foi registrado em setembro de 2024, com a criação de 79,2 mil postos. Em linha com a sazonalidade observada nacionalmente, o mês de dezembro também foi negativo na região, com perda de 59,9 mil empregos. No acumulado de janeiro a julho de 2025, o saldo regional foi de 202,3 mil vagas, correspondendo a uma variação de 2,3%. Quando considerados os últimos 12 meses, o Nordeste gerou 341,4 mil postos de trabalho, crescimento acumulado de 4,2%, desempenho superior ao nacional em termos relativos.

O Ceará, inserido nesse contexto regional positivo, apresentou uma trajetória consistente de geração de empregos. O melhor resultado mensal foi registrado em agosto de 2024, com 10,3 mil novas vagas. Ainda que o estado tenha enfrentado retrações em dezembro de 2024 (-7,1 mil), janeiro de 2025 (-0,4 mil) e março de 2025 (-2,6 mil), esses saldos negativos estiveram associados a fatores sazonais e

ajustes pontuais em setores específicos. No acumulado de janeiro a julho de 2025, o Ceará criou 32,9 mil empregos formais, variação de 2,3%, em linha com o desempenho regional. No acumulado dos últimos 12 meses, o estado registrou um saldo de 53,3 mil vagas, representando um crescimento de 3,8%.

O mês de julho de 2025 reforçou essa tendência positiva no Ceará, com a criação de 7,4 mil empregos, resultado que representou um crescimento de 117,6% em relação ao mesmo mês do ano anterior (julho de 2024: 3,4 mil vagas) e leve avanço frente ao mês anterior (junho de 2025: 7,2 mil). Esses dados indicam trajetória crescente, contínua e sustentada do mercado de trabalho formal no estado, apoiada pelo dinamismo de setores estratégicos e por uma conjuntura regional favorável.

O COMÉRCIO EXTERIOR NO BRASIL, NORDESTE E CEARÁ

O desempenho do comércio exterior brasileiro em julho de 2025 reflete uma conjuntura turbulenta e por desafios estruturais persistentes. Segundo dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC), a corrente de comércio nacional — soma das exportações e importações — totalizou US$ 57,55 bilhões no mês, representando um crescimento de 4,60% em relação a julho de 2024. As exportações somaram US$ 32,31 bilhões, com alta de 4,76%, enquanto as importações cresceram 7,71%, alcançando US$ 25,24 bilhões. Como resultado, o superávit comercial foi de US$ 7,07 bilhões, positivo, mas 6,31% inferior ao registrado no mesmo mês do ano anterior, o que reforça a crescente dependência de bens intermediários e insumos produtivos importados.

Tabela 6 - Volume de exportações, importações, saldo e corrente da balança comercial (R$ milhões) – Brasil, Nordeste e Ceará [(1)].

País, Região e Estado	Exportações		Importações		Saldo		Corrente Comercial	
	US$ Milhões	Var.%	US$ Milhões	Var.%	US$ Milhões	Var.%	US$ Milhões	Var.%
Brasil								
Julho de 2025	32.310,2	4,8	25.235,5	7,7	7.074,7	-6,3	57.545,7	4,6
Acumulado do Ano	198.011,1	0,0	161.028,6	7,6	36.982,5	-24,7	359.039,7	0,1
Acumulado 12 meses	336.247,0	-0,3	275.205,2	9,6	61.041,8	-35,1	611.452,2	7,8
Nordeste								
Julho de 2025	1.992,3	29,6	2.440,0	-2,6	-447,7	-17,4	4.432,3	6,2
Acumulado do Ano	14.252,7	-9,6	15.823,1	-2,7	-1.570,4	36,9	30.075,8	3,0
Acumulado 12 meses	25.518,3	19,5	28.268,3	3,4	-2.750,1	-21,0	53.786,6	5,2
Ceará								
Julho de 2025	283,0	-35,9	241,5	2,1	41,5	-79,7	524,5	31,5
Acumulado do Ano	1.350,0	31,1	1.674,8	-0,9	-324,8	50,8	3.024,8	31,5
Acumulado 12 meses	1.793,7	44,2	3.012,2	2,6	-1.218,5	-15,5	4.805,9	11,2

Fonte: MDIC/SECEX. Elaboração: NUPE/UNIFOR.
Nota: (1) As variações do acumulado do ano e do acumulado dos 12 meses referem-se a comparações com o mesmo período do ano anterior e com o período imediatamente anterior, respectivamente.

No acumulado entre janeiro e julho de 2025, a corrente de comércio atingiu US$ 359,03 bilhões, com leve variação positiva de 0,10%, e o superávit acumulado foi de US$ 36,98 bilhões, representando uma retração de 24,69%.

Na região Nordeste, o mês de julho apresentou desempenho misto. As exportações somaram US$ 1,99 bilhão, com expressivo crescimento de 29,58% em relação ao mesmo mês do ano anterior. Por outro lado, as importações recuaram 2,61%, totalizando US$ 2,44 bilhões. Apesar da melhora relativa no fluxo de caixa regional, a balança comercial continuou deficitária, com saldo negativo de US$ 447,7 milhões, embora 17,35% menor que em julho de 2024. A corrente de comércio nordestina foi de US$

4,43 bilhões, com expansão de 6,18%.

No acumulado do ano, as exportações da região totalizaram US$ 14,25 bilhões, com queda de 9,62%, enquanto as importações somaram US$ 15,82 bilhões, retraindo 2,74%. O déficit comercial de US$ 1,57 bilhão representa uma melhora de 36,85% frente ao mesmo período do ano anterior, e a corrente de comércio alcançou US$ 30,08 bilhões, com alta de 2,99%.

No contexto regional, o estado do Ceará apresentou desempenho adverso em julho de 2025. As exportações cearenses somaram US$ 283 milhões, com queda expressiva de 35,87% em relação a julho de 2024. As importações, por sua vez, cresceram 2,10%, totalizando US$ 241,5 milhões. Ainda que o estado tenha encerrado o mês com superávit comercial de US$ 41,48 milhões, o valor representa uma retração significativa de 79,70%. A corrente de comércio cearense, no entanto, registrou forte expansão, atingindo US$ 524,5 milhões, um aumento de 31,50% em relação ao ano anterior.

No acumulado de janeiro a julho, o desempenho do Ceará foi mais favorável. As exportações alcançaram US$ 1,35 bilhão, com crescimento de 31,10%, enquanto as importações totalizaram US$ 1,67 bilhão, apresentando leve retração de 0,94%. A corrente de comércio somou US$ 3,02 bilhões, com expansão de 31,50%. Apesar desses avanços, o estado encerrou o período com déficit comercial de US$ 324,8 milhões.

O comportamento do comércio exterior brasileiro em julho de 2025 revela um cenário ambíguo: por um lado, observa-se a expansão da corrente de comércio e sinais de aquecimento da atividade industrial; por outro, persistem desafios como a baixa diversificação da pauta exportadora, a dependência estrutural de commodities e insumos externos, além da exposição a instabilidades geopolíticas e logísticas.

Autores:

Ana Lia Costa Carneiro
Ana Luiza Cavalcante Alencar
Andre Araujo Queiroz
Brenda Rodrigues Cavalcante
Clayton José da Silva Viana Junior
Djailson Pereira Do Nascimento
Emilio de Medeiros Viana Filho
Enzo Costa Martins Pereira
Francisca Emilly Pinheiro Lopes
Francisco Felipe Silva Rodrigues
Francisco Matheus de Oliveira Viana
Frank Carlos Magnu Almeida Chaves
Fábio Carneiro da Costa
Gardel Dias da Assunção
Isabele Barbosa de Maria da Silva
João Otávio Pinto Serra
Leandro Sparapan Piekazevicz
Marcus André Rodrigues Jerônimo André Ro
Maria Clara Cavalcante Guilherme
Roberto Gonçalves Regadas